

O Desenvolvimento do Gênero Literário Apocalíptico

Mayara Godinho Borges de Brito^[1]

Resumo: O gênero apocalíptico tem sido objeto da pesquisa acadêmica ao longo das últimas décadas. Desde a descoberta dos manuscritos do Mar Morto, em 1947, os trabalhos a respeito da apocalíptica e sua forma literária têm movido biblistas, historiadores e cientistas das mais diversas áreas do conhecimento. O presente artigo tem como objetivo trazer as opiniões de alguns exegetas a respeito do gênero literário apocalíptico e uma possível hipótese de seu surgimento. Como também, considera a poesia hebraica e o profetismo do Antigo Testamento como parte do desenvolvimento do gênero literário em questão.

Palavras-Chave: Gênero literário; Apocalipse; Hermenêutica.

Abstract: The apocalyptic genre has been the subject of academic research over the past few decades. Since the discovery of the Dead Sea Scrolls in 1947, papers on the apocalyptic and its literary form have moved biblical scholars, historians and scientists from the most diverse areas of knowledge. This article aims to bring the opinions of some exegetes about the apocalyptic literary genre and a possible hypothesis of its emergence. As well, it considers the Hebrew poetry and the prophetism of the Old Testament as part of the development of the literary genre in question.

Keywords: Literary genre; Revelation; Hermeneutics.

Introdução

Quem nunca ficou fascinado com a beleza e explosão da linguagem usada pelos profetas do Antigo Testamento? E, ao mesmo tempo, quem nunca se assustou e não entendeu muito bem tudo que eles disseram e escreveram? Todo leitor ávido da Bíblia e estudioso de

seu contexto histórico e social tanto ficam maravilhados com a escatologia apresentada por seus autores como conseguem perceber uma unidade divina na mensagem profética transmitida em diferentes períodos e gerações.

É um passo significativo para compreender a mensagem profética e apocalíptica da Bíblia considerar que boa parte das línguas faladas pelos seres humanos possui recursos ilustrativos, como metáforas, sarcasmos, metonímias, e muitas outras figuras de linguagem ou sintaxe. O imaginário social judaico de cada período que abarca tanto o profetismo como o *apocalipticismo* compartilha essas nuances figurativas e preditivas.

Outro ponto importante para a interpretação do texto bíblico é considerar a análise tripartite: história, literatura e teologia. A unidade teológica contida na narrativa bíblica exige do intérprete estar sensível tanto ao contexto histórico, como também às questões linguísticas, que foram pensadas e intencionalmente escolhidas pelos autores bíblicos. Portanto, o estudo dos gêneros literários e de seus recursos linguísticos é um instrumento precioso para extrair a riqueza hermenêutica do texto bíblico.

O gênero apocalíptico é um dos muitos que compõem o cânon das Escrituras. Nos diversos trabalhos e pesquisas aos quais biblistas se dedicaram — e até hoje se dedicam —, são encontradas diferentes classificações e propostas de como a apocalíptica tornou-se gênero literário. Há considerações a respeito da mesma como movimento social, ou mesmo como um conjunto de ideias que influenciou diversos gêneros literários.

A seguir, serão apresentadas perspectivas a respeito do Apocalipse como gênero literário, no corpus bíblico, como também uma possível trajetória histórica e cultural de seu desenvolvimento.

1. A questão do gênero literário

O estudo do gênero literário dentro do texto canônico é fundamental para a área da exegese bíblica. Essa perspectiva interpretativa tem em seu âmago a tríade hermenêutica — contexto histórico, dimensões literárias e mensagem teológica (KÖSTENBERGER; PATTERSON, 2015, p. 65). Considerar o estudo bíblico sob a perspectiva de gêneros literários é estar consciente de que os autores bíblicos, inseridos em contextos históricos específicos, escolheram intencionalmente estilos literários de suas épocas para transmitir a mensagem divina.

Essa perspectiva de estudo também considera a Bíblia com literatura, ou seja o intérprete das Escrituras considera que os texto não apenas possui elementos informativos ou expositivos, mas elementos de criatividade — artísticos e estéticos. É possível afirmar que o relato bíblico está mais próximo de uma pintura que de uma fotografia^[2]. Portanto, quando o exegeta está sensível a essas perspectivas, sua interpretação e aplicação do texto será mais rica e completa.

Com efeito, o significado do texto depende de seu gênero literário. Segundo Osborne (2009, p. 32), mesmo com as importantes justaposições de gênero encontradas no corpus bíblico — características apocalípticas dentro do gênero profético, poesia dentro das cartas, e muitas outras do tipo — é importante considerar esse método de estudo, e não descartá-lo, como muitos o fazem. Assim, o estudo do gênero literário possibilita um caminho para recuperar o sentido pretendido pelo autor.

Com o gênero apocalíptico não é diferente. Por mais que as conclusões a respeito dessa modalidade literária sejam divergentes em questões de classificação e definição, o conhecimento a respeito dos demais gêneros literários que compõem o corpus bíblico é fundamental para entender o Apocalipse. Sua hermenêutica exige um conhecimento prévio do que é canônico, como também da literatura apócrifa e pseudepigráfica.

Um apocalipse normalmente é classificado por conter elementos de visões, sonhos ou viagens celestiais mediadas por um anjo ou ser divino, que normalmente trará uma mensagem de esperança, exortação ou mesmo predições a respeito do que está por vir. Collins, um relevante acadêmico nessa área, define um apocalipse como:

Um gênero de literatura revelatória com estrutura narrativa, no qual a revelação a um receptor humano é mediada por um ser sobrenatural, desvendando uma realidade transcendente que tanto é temporal, na medida em que vislumbra salvação escatológica, quanto espacial, na medida em que envolve outro mundo, sobrenatural. (COLLINS, 2010, p. 22)

Collins além de propor uma definição a respeito do que seria o gênero apocalíptico, também faz considerações do *apocalipticismo*. O gênero apocalíptico não estaria restrito apenas a um tipo de literatura, mas a uma mudança na forma de seus leitores verem o mundo (Ibid., p. 18). O desenvolvimento desse gênero literário não está atrelado apenas a padrões estéticos e escritos, mas principalmente à forma como seus leitores vivem o presente.

1.1 A hipótese de vários gêneros apocalípticos

Segundo Berger (1998, p. 265), a palavra “apocalipse” ganhou nome de gênero literário a partir do século II d.C., quando o cânon Muratori designou tanto o Apocalipse de João quanto o de Pedro com a palavra “*apocalypsis*”, sem traduzi-la.

O autor constata que dentro dos textos apocalípticos há uma espécie de costura proposital com diferentes gêneros. Ele afirma que o Apocalipse joanino é uma síntese de diversos gêneros literários. A partir desse prisma é possível falar em gêneros apocalípticos (Ibid., p. 268).

Essa proposta de Berger (Ibid., p. 272) permite que outros textos do Novo Testamento, como as cartas paulinas e pastorais e partes dos evangelhos, sejam analisados sob a ótica apocalíptica. Para isso, ele considera como gênero literário, por exemplo, “O diálogo com o anjo revelador”, que teria sua forma mais antiga em livros considerados proto-apocalípticos, como Amós, Zacarias e Daniel. Outros dois exemplos é o gênero “Cartas”, tendo como precursor as cartas proféticas do Antigo Testamento, presente no livro de Jeremias^[3], e os “Vaticínios” que são previsões a respeito do futuro, semelhante aos muitos oráculos no período profético da Bíblia hebraica.

Assim, Berger enumera pelo menos dez tipos de gêneros literários^[4], sintetizados no Apocalipse joanino. Gêneros estes, que estão presentes tanto na literatura canônica como apócrifa e pseudepigráfica^[5].

Em uma perspectiva parecida com os gêneros literários apocalípticos, Won (2020, p. 348) sintetiza o Apocalipse de João sob o amálgama de três gêneros diversos, chamando-o de “Uma carta apocalíptico-profética”, composta dos gêneros: epistolar, profético e o próprio gênero apocalíptico propriamente dito.

Won também faz questão de ressaltar que o apocalipse canônico, apesar de possuir semelhanças com a tradição apocalíptica do judaísmo do segundo templo^[6], mostra-se com muitas características singulares. Uma delas é João apresentando Jesus como único Messias,

em contraste com múltiplos messias encontrados nos manuscritos do Mar Morto^[7]. O que corrobora para o entendimento de que o autor bíblico partiu de um imaginário compartilhado por seus leitores, como também de um gênero comum de literatura de sua época. E, ao mesmo tempo, manteve-se fiel à mensagem que recebeu.

1.2 Uma classificação segundo a linguística textual^[8]

A partir da década de 80, os linguistas começaram a considerar o conceito de tipologia de texto; uma espécie de categorização mais abrangente que a dos gêneros literários^[9]. Segundo Albin (2015, p. 12), os tipos de textos seguem uma estabilidade reconhecível pelos usuários da língua e, provavelmente, foram convencionados. Os gêneros sofrem mudanças e até desaparecimentos enquanto os “Tipos de texto”, por serem bem elementares, não mudam dessa forma. Dentro dessa perspectiva, o gênero apocalíptico estaria categorizado dentro dos textos preditivos.

O tipo preditivo é unicamente identificado por Koch e Fávero (1987). De acordo com as linguistas, esse é o sexto na sequência de seis tipos textuais distintos: narrativo, descritivo, expositivo, argumentativo, injuntivo (ou diretivo) e preditivo. [...] Analisando sob esses aspectos o gênero profecia e, mais especificamente, tendo em vista o tipo que o circunscribe, observa-se que o objetivo principal do tipo é “predizer”, dar informações acerca do futuro, levando seu público à crença do que se diz. (Ibid., p. 13)

Portanto, segundo essa linha de pesquisa e categorização, o tipo textual preditivo englobaria tanto o gênero profético como o apocalíptico, tendo em vista que ambos possuem em comum a predição de eventos futuros em seu corpus textual. É fato que ambos os gêneros possuem mais especificidades, todavia, sob essa ótica de classificação, é possível categorizá-los dentro desse tipo textual.

1.3 Uma hipótese de desenvolvimento

Ao lado das classificações de Berger, Won e Albin a respeito do gênero apocalíptico, temos, a seguir, a concepção de Silva (2015). Em seu texto sobre a temática, o pesquisador

traz o posicionamento de Collin acerca do surgimento do gênero literário apocalíptico. Segundo Silva (2015, p. 66), uma contribuição significativa para a origem desse gênero literário foi o contexto histórico de perseguição, hostilidade, guerras e dominação vivido pelo povo judeu^[10].

Com a grande influência da cultura grega nas comunidades judaicas, tanto da diáspora, como da região da palestina, comunidades separatistas messiânicas começaram a surgir — essênios, nas imediações do Mar Morto. Dentro dessa linha histórica vieram perseguições religiosas aos judeus que não aceitavam o sincretismo, concomitante com a corrupção do sacerdócio em Jerusalém. Foi durante a dominação helênica que a dinastia selêucida tomou o poder da região da Judéia e Jerusalém. O governo de Antíoco Epifânes (175 a 164 a.C.) foi o mais severo, em termos de perseguição religiosa para os judeus. Esse foi o tempo em que eclodiu a revolta dos macabeus (TOGNINI, 2009, p. 91). É dentro desse contexto que a literatura apocalíptica floresceu.

Além do contexto histórico, o autor argumenta que diversas fontes, como a literatura sapiencial, o profetismo bíblico, a mitologia canaanita e o próprio zoroastrismo, foram influenciadores, ou mesmo precursores do gênero literário em questão. Silva (op. cit., p. 68) faz questão de considerar que mais numerosos são os textos da literatura apocalíptica judaica extra bíblica que as demais fontes. Portanto, a possibilidade de sincretismo é descartada, tendo em vista uma autonomia do desenvolvimento desse gênero na própria religiosidade judaica.

Segundo o mesmo autor, a apocalíptica surgiu, possivelmente no período Pós-exílico — 586 Antes da Era Cristã — e, a partir de então, progrediu combinando alusões de uma ampla série de fontes. Dentro dessa perspectiva, algumas porções dos livros proféticos clássicos, produzidos durante esse período, são classificados como protoapocalípticos. Tais como Isaías 24-27, Isaías 56-66, Zacarias 9-14, Joel 3-4 e Malaquias 3-4.

Portanto, a apocalíptica não pode ser remetida diretamente a um único movimento ou fonte. Suas origens são um desenvolvimento ao longo dos séculos, através da escatologia, a partir do profetismo e outras raízes antigas. Sem dúvida, uma literatura composta por um “grande

espectro de fontes” e repleta de um conteúdo investigável. (Ibid., p. 70)

2. O gênero profético como precursor do apocalíptico

Uma das principais características da poesia hebraica é o paralelismo, a correspondência de um verso ou linha com outro, também chamado de repetição (BRITO, 2021, p. 07). É possível observar essa estrutura em todos os livros poéticos da Bíblia Hebraica. Essa forma poética, desenvolvida a partir da Tradição Oral, própria das culturas do Antigo Oriente Próximo, também é encontrada nos textos proféticos^[11] e se apresenta como forte influência sobre os escritos do Novo Testamento. Eis os chamados hebraísmos. Observe Salmo 114:4 e 6:

הָהָרִים רָקְדוּ כְּאַיִלִים

como carneiros /saltaram /as montanhas

גְּבֻעוֹת כְּבָנִי-צֹא

de ovelhas - como os filhos /os morros[12]

Em diálogo com Timothy Bachmann, consultor bíblico, observou-se o versículo 4 juntamente com o versículo 6 como um paralelismo sinônimo, com a elipse do verbo. Nesse Salmo, a partir do versículo 2, os verbos estão no perfeito, mas podem ser entendidos como presente do indicativo em português, porque o primeiríssimo verbo está no infinitivo, sendo o primeiro que determina a qualidade do “tempo” no restante do discurso em hebraico.

Praticamente todo o texto profético está estruturado dessa mesma forma, em paralelismos. Assim é o exemplo de Isaías 2:2-3. Na análise de Bachmann[13], estão em paralelismo sinônimo “o monte da casa do SENHOR” e “os povos”, sendo que são usados dois vocábulos diferentes para “povo”:

<p style="text-align: center;">וְהָיָה בְּאַחֲרֵית הַיָּמִים</p> <p style="text-align: center;">dias / nos últimos / e será</p> <p style="text-align: center;">נִכּוֹן</p> <p style="text-align: center;">Estabelecido</p>	<p><i>Versículo 2</i></p> <p>Pano de fundo Temporal</p> <p>Ênfase</p>
<p style="text-align: center;">יְהִי הָהָר בֵּית־יְהוָה בְּרֹאשׁ הַהָרִים</p> <p style="text-align: center;">dos montes/ como cabeça/ casa – (do)</p> <p style="text-align: center;">SENHOR / monte / será</p> <p style="text-align: center;">וְנִשְׂאָ מִגְּבֻעוֹת</p> <p style="text-align: center;">acima) dos montes / (será) elevada)</p> <p style="text-align: center;">וְנִהְרָוּ אֵלָיו כָּל־הַגּוֹיִם:</p> <p style="text-align: center;">todos-os-povos / para ele / fluirão</p> <p style="text-align: center;">וְהָלְכוּ עַמִּים רַבִּים</p>	<p><i>Versículo 3</i></p> <p>Predição</p> <p>Elaboração</p> <p>Predição</p>

muitos / povos / virão	Predição
------------------------	----------

Tabela 1: Análise de paralelismo sinônimo nos profetas.

Essa estrutura concêntrica formada por quiasmo^[14] também é encontrada no Apocalipse de João. É possível observar essa estilística no livro de forma geral, como também em passagens específicas. O número sete é um dos meios pelo qual o autor lança mão para estruturar várias dessas estruturas quiásticas. Esse é um argumento de Eyzemberg:

O paralelismo é construído em pares, mas João usa o número sete. Sugerimos que a primeira bênção (Ap 1:3) esteja fora da estrutura quiástica que a segue. Funciona como um *maftir* (מפטיר) — uma declaração sumária encontrada na Torá. Seu objetivo é resumir ou preparar o cenário para as seis “bênçãos” restantes que são, de fato, organizadas na forma quiástica. Desta forma, João ainda tem um quiasmo e ainda usa sete e não seis declarações. Uma vez que olhamos para todo o conjunto, o paralelismo de significado é muito difícil de negar.[15] (EYZEMBERG, 2021 p. 22, tradução nossa).

Gonzalez (2013, p. 23), em seu artigo a respeito da estrutura do capítulo 10 de Apocalipse, também considera a hipótese de quiasmo no livro como um todo. No capítulo supracitado, apresenta o quiasmo das “Duas testemunhas” como sendo uma introdução aos temas e eventos do fim dos tempos.

Quiasmo das Duas Testemunhas (Apoc. 10:11 - Apoc. 11:18)

A1: Ap 10:11 — O comando para profetizar

B1: Ap 11:1 — Julgamento dos vivos

C1: Ap 11:2 — Reinado dos gentios

D1: Ap 11:3-6 — As duas testemunhas profetizam

E1: Ap 11:7 — As duas testemunhas são atacadas pela besta do abismo

F1: Ap 11:8-10 — As duas testemunhas são humilhadas

G: Ap 11:11 — As duas testemunhas são reavivadas pelo Espírito de Deus

F2: Ap 11:12 As duas testemunhas são exaltadas

E2: Ap 11:13 — Terremoto mata parte do povo remanescente

D2: Ap 11:13 — Remanescentes dão glória a Deus

C2: Ap 11:15 — Cristo reina

B2: Ap 11:18 — Julgamento dos mortos

A2: Ap 11:18 — Recompensa dos profetas

Fig. 1: Diagramação quiasmática de Gonzalez (2013, p. 23).

Outro ponto importante a respeito do gênero profético é sua rica diversidade linguística, contemplada por diversas figuras de linguagem, como metáforas, hipérboles, ironias e outras. É a beleza de palavras personificadas que dá poder às palavras proféticas, de modo que, conforme afirma Sandy (2002, p. 27, tradução nossa), “o resultado é uma revelação muito celestial em linguagem muito terrena”[16]. O teólogo exemplificará sua afirmação citando Alter:

Como a poesia é nosso melhor modelo humano de comunicação intrincadamente rica, não apenas solene, pesada e contundente, mas

também densamente tecida com conexões internas complexas, significados e implicações, faz sentido que a fala divina seja representada na poesia. (Ibid. apud ALTER, 2011, p.141, tradução nossa)^[17]

Esses recursos de linguagem possibilitam uma variedade de exemplos figurativos que podem carregar a mesma mensagem. Esse é o argumento de Sandy em relação à mensagem profética e escatológica do próprio Apocalipse de João. O anunciador da mensagem usa elementos do imaginário compartilhado pelo povo de Israel, contidos em sua própria história, que era repassado de geração em geração, para transmitir a mensagem profética.

Para entender a palavra profética corretamente, devemos reconhecer que a linguagem da profecia pode ser poética, emotiva, condicional, hiperbólica, figurativa, surreal, oral e incerta quanto ao cumprimento. (Ibid., p. 56 tradução nossa)^[18]

Todavia, esse estilo de transmitir a mensagem divina, é também um problema para a própria análise do texto. Usando uma expressão coloquial, a redação mergulhada em figuras de linguagem é uma “faca de dois gumes”. É bonita e explosiva, mas levanta questionamentos no momento da exegese. Contudo, Sandy afirma que esse problema não é intransponível. E um caminho para isso é entender como essa linguagem funciona em seu contexto de enunciação.

A mensagem profética normalmente era dada em um contexto de crise espiritual, portanto a maior parte da audiência do profeta estaria cega, surda ou com a mente cauterizada (Ibid., p. 73), necessitando de uma linguagem bem visual e estridente. O desafio do exegeta é estar atento a essas considerações históricas e linguísticas para saber quando o profeta lança mão da linguagem literal e quando usa o sentido figurado.

Esse mesmo contexto é também percebido no período de surgimento do gênero apocalíptico, como também no Apocalipse de João. Havia uma perseguição à comunidade messiânica, e ao mesmo tempo uma frieza ou mornidão em parte da comunidade cristã em ceder às pressões de seu tempo. A linguagem apocalíptica vem com o intuito de alertar aos

que se acomodaram e trazer esperança e consolo para os fiéis, lembrando-os que seu testemunho e sofrimento não seriam em vão.

Conclusão

Independente das classificações adotadas a respeito do Apocalipse — “gênero” ou “gêneros” —, pode-se afirmar que os gêneros literários anteriores a ele influenciaram de forma significativa tanto os escritos encontrados nas imediações do Mar Morto, como também os escritos de João e dos demais autores neotestamentários. Também a poesia hebraica e o profetismo do período pré-exílico contribuíram para a construção do apocalipse como literatura. De igual modo, é inegável que o contexto de martírio e perseguição do povo judeu e, posteriormente, da comunidade cristã contribuiu para que esse gênero se tornasse uma chama de esperança no coração dos primeiros ouvintes-leitores, crentes na esperança de salvação.

É válido ainda ressaltar, que a exposição a respeito das estruturas de paralelismos e quiasmos presentes em outros gêneros literários, como as profecias e apocalipses, não faz destes poemas, mas mostram a influência poética nesses escritos. Como também são exemplos da sobreposição de gêneros literários na Bíblia

A linguagem apocalíptica carrega a beleza do figurativo e do simbolismo profético, estruturas concêntricas presentes na poesia hebraica e uma efusão de figuras de linguagem levando seus leitores à uma experiência de fascinação, como a que o próprio autor teve. A beleza trazida pela estética da linguagem produz no leitor essa experiência sensorial, que transcende o gênero e as letras, e requer de seus leitores um posicionamento no presente. Um viver completamente no presente, mas com expectativas no porvir.

Ante a tamanha magnitude que são os apocalipses, cabe ao leitor-intérprete, humildemente reconhecer suas limitações em relação às complexidades interpretativas existentes no texto.

Referência

ALBIN, Virginia Pujol. *Gênero profecia na Bíblia: um estudo linguístico-textual do livro Apocalipse*. Curitiba-PR: UTFP, 2015, p. 35. TCC (Graduação). Departamento de Linguagem

e Comunicação, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Disponível em: < http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/8907/2/CT_COLET_2014_2_16.pdf >. Acesso em: 19 mar. 2021.

ALTER, Robert. *The Art of Biblical Poetry*. Basic books, 2011.

BAILEY, Kenneth. *As parábolas de Lucas: A poesia e o camponês*. Tradução de Adiel Almeida de Oliveiras. 3. ed. São Paulo: Editora Vida Nova, 1995.

BERGER, Klaus. *As formas literárias do Novo Testamento*. Tradução de Fredericus Anronius Stein. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

BRITO, Mayara Godinho Borges de. O Hebraísmo no texto grego do Novo Testamento. *Revista Teológica Jonathan Edwards*, Caruaru, v. 1, n. 3, Jan. 2021, p. 21-38. Disponível em: < https://www.stjedwards.com/_files/ugd/aab8fd_67a6a0e4eb2a41baab49356ad3516468.pdf >. Acesso em: 25 jan. 2022.

COLLINS, John J. *A imaginação apocalíptica: Uma introdução à literatura apocalíptica judaica*. Tradução de Carlos Guilherme da Silva Magajewski. São Paulo: Paulus, 2010. (Coleção Academia bíblica)

EYZEMBERG, Eliyahu Lizorkin-. *Hebrew Insights from Revelation*. Jewish studies for Christians, 2021.

FEE, Gordon; STUART, Douglas. *Entendes o que lêis?* 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2011.

GONZALEZ, Eliezer. A estrutura de Apocalipse 10:11-11:18: The structure of Revelation 10:11–11:18. *Revista Kerygma*, Engenheiro Coelho-SP, v. 9, n. 2, Jul. 2013, p. 13-26. Disponível em: < <https://revistas.unasp.edu.br/kerygma/article/view/79/79> >. Acesso em: 08 jan. 2022.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. Linguística textual: retrospecto e perspectivas. *Alfa*, São Paulo, n. 41, 1997, p. 67-78. Disponível em: < <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4012/3682> >. Acesso em: 15 fev. 2022.

KÖSTENBERGER, Andreas J.; PATTERSON, Richard D. *Convite à Interpretação Bíblica: a tríade hermenêutica*. São Paulo: Vida Nova, 2015.

OSBORNE, Grant. R. *A Espiral hermenêutica*. São Paulo: Vida Nova, 2009.

SILVA, Ângelo Vieira da. Aspectos histórico-sociais da apocalíptica. *Revista Oracula*, ano 11, n. 16, 2015, p. 63-73. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/oracula/article/viewFile/5756/4645>>. Acesso em: 19 mar. 2021.

TOGNINI, Enéas. *O período interbíblico: 400 anos de silêncio profético*. São Paulo: Agnos, 2009.

WON, Paulo. *E Deus falou na língua dos homens: uma introdução à Bíblia*. 1. ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020.

[1] Bacharel em Direito pela UFG (Universidade Federal de Goiás). Missionária pela MPB (Missão Pioneiros da Bíblia), pós-graduanda em Teologia do Novo Testamento pela Unifil e pelo Centro de pós-graduação Jonathan Edwards de Caruaru-PE.

[2] Ideia aprendida na disciplina de Gêneros Literários do Novo Testamento, com o professor Rômulo Monteiro, do programa de pós-graduação em Teologia do Novo Testamento, do Seminário Jonathan Edwards.

[3] Aqui Berger faz uma ressalva da diferença do objetivo das cartas apocalípticas com as proféticas. As do Apocalipse de João mais se assemelham às cartas paulinas, as quais anunciam a chegada de seu autor, diferentemente das proféticas contidas no corpus veterotestamentário.

[4] O apocalipse de João é uma síntese dos seguintes gêneros apocalípticos: a) Carta; b) Relato de visões; c) Visão do Trono; d) Sequência apocalíptica de acontecimentos; e) Diálogos reveladores; f) Relatos sobre mártires; g) Descrições de guerras; h) Descrição (ékphrasis) das duas cidades opostas; i) Lamento sobre a cidade destruída; j) ékphrasis da sequência de eras e k) Descrição da Jerusalém escatológica.

[5] Os apocalipses judaicos eram geralmente pseudônimos e pseudepigráficos. Autores utilizavam nomes de grandes “heróis” da religião para legitimar suas composições e tornarem-nas circuláveis e lidas dentro da comunidade. (WON, 2020, p. 349)

[6] Exemplos de narrativas apocalípticas desse período: Daniel, II Baruque e IV Esdras. Exemplos de jornadas espirituais temos os pseudepigráficos: I Enoque e Apocalipse de Abraão.

[7] Comunidade de Qumran. Essa comunidade conhecida como “Essênios” era composta de judeus habitantes das imediações do Mar Morto, separados da influência grega e romana. Eles desenvolveram uma importante tradição de escritos apocalípticos.

[8] A linguística textual “...se propõe como tarefa investigar a constituição, o funcionamento, a produção e a compreensão dos textos. Os textos passam a ser estudados dentro de seu contexto pragmático, isto é, o âmbito de investigação se estende do texto ao contexto, entendido, de modo geral, como o conjunto de condições - externas ao texto - da produção, recepção e interpretação dos textos.” (KOCH, 1997, p. 70)

[9] "Interessante é destacar que, nestes últimos anos, a questão da tipologia textual, [...] volta a ocupar, agora sob outras luzes - isto é, sob o enfoque dos gêneros textuais - lugar de destaque nas pesquisas sobre o texto, revelando-se um terreno bastante promissor.” (Ibid., p. 74)

[10] “Uma literatura que buscava garantir que seus leitores não perdessem a esperança, entendendo que Deus permanecia no controle da história da humanidade, e que no final seu reino de justiça e paz seria estabelecido.” (SILVA, 2015, p. 64)

[11] Todos os livros proféticos contêm uma quantidade substancial de poesia, e vários são exclusivamente poéticos. (FEE; STUART, 1984, p. 237)

[12] Acervo pessoal do consultor.

[13] Acervo pessoal do consultor.

[14] Paralelismo invertido (BAILEY, 1995, p. 22).

[15] Parallelism is built on pairs, but John uses the number seven. We suggest that the first blessing (Rev. 1:3) stands outside of the chiasmic structure that follows it. It functions as a *maftir* (מפטיר)—a summary statement found in the Torah. Its purpose is to summarize or set the stage for the remaining six “blessings” that are in fact, organized in the chiasmic form. In this way, John still has a chiasm and yet uses seven and not six statements. Once we look at the entire set, the parallelism of meaning is very hard to deny.

[16] The result is a very heavenly revelation in very earthly language.

[17] Since poetry is our best human model of intricately rich communication, not only solemn, weighty, and forceful but also densely woven with complex internal connections, meanings, and implications, it makes sense that divine speech should be represented in poetry.

[18] To understand the prophetic word correctly, we must recognize that language of prophecy may be poetic, emotive, conditional, hyperbolic, figurative, surreal, oral and uncertain about fulfillment.